

Capítulo Paulo Tiago

Aldeia da Terra – caso de estudo: – Início de uma atividade artesanal/artística.
Iniciei o meu trabalho na cerâmica figurativa por casualidade.

Paulo Tiago Cabeça

Licenciado em Artes Visuais Multimédia, Mestre em Práticas Artísticas, pela Escola de Artes da Universidade de Évora. Aluno de Doutoramento e membro integrado no CHAIA - Centro de História da Arte e Investigação Artística um centro de investigação do IIFA - Instituto de Investigação e Formação Avançada da Universidade de Évora. Bolsa de Doutoramento FCT - HERITAS GD / 15754/2020 / P1 desde 2020/2021. Orientadores de doutoramento: Luis Filipe Soares Afonso e Manuel Francisco Soares do Patrocínio. Artista, ceramista, caricaturista e artesão com mais de vinte anos de carreira. Obra plástica distinguida com inúmeros prémios nacionais e autor de vários projetos artísticos, alguns financiados com fundos europeus (PRODER) e declarados institucionalmente de interesse cultural e turístico respetivamente pela ERT- Entidade Regional de Turismo do Alentejo e pelo Ministério da Cultura de Portugal. <https://aldeiadaterra.wixsite.com/meusite-1> ORCID: 0000-0001-6002-2752 tgcabeca@uevora.pt

Introdução

Este artigo, parte integrante de um relatório de mestrado em Artes Visuais, escrito na primeira pessoa, descreve o processo pessoal de criação de uma carreira artesanal e artística de figurado em barro e caricaturas, pelo autor, que sem nunca antes se ter dedicado à arte o começa a fazer por um misto de deslumbre e necessidade. Além do percurso artístico e profissional, onde descreve processos, sucessos e dificuldades mostra-nos o que foram a conceção e edificação de projetos como a *Galeria Oficina* e posteriormente a *Aldeia da Terra*. Se a primeira se tratava de um pequeno atelier artístico aberto ao público turístico na cidade de Évora, Portugal, a segunda tratou-se de um projeto de autor de maior envergadura. Um pequeno parque temático jardim de esculturas de esculturas cerâmicas com 3.000m² pelo autor Tiago Cabeça, que reproduzia e caricaturava uma aldeia rural imaginada, cheia de personagens, casinhas, veículos e idiossincrasias do quotidiano. Como uma banda desenhada a três dimensões elaborada em barro. Este projeto, levado a cabo com apoios europeus do PRODER para o desenvolvimento das regiões rurais, teve lugar em Arraiolos, distrito de Évora, região Alentejo, em Portugal. Esteve aberto de 2011 a 2017, contou com mais de sessenta mil visitantes pagantes no período. Foi declarado de “Interesse Cultural” pelo Ministério da Cultura, por quatro biénios consecutivos e por quatro Ministros da cultura portugueses diferentes. O autor encerrou-lhe portas em 2017 desencantado, e desde então tem usado

também esta experiência e informação no desenvolvimento da sua investigação em História de Arte, na tese “O “*Artesanato*” como processo criativo: o exemplo da Barrística. Contributo para uma reflexão sobre a criatividade”.

Em 1998 era trabalhador-estudante, frequentava a licenciatura de Engenharia de processos e energia, na Universidade de Évora, ao mesmo tempo trabalhava como empresário em nome individual para a EDP¹ como agente de leituras e fiscalizações.

O curso não me atraía particularmente e o rendimento da profissão era relativamente escasso. A partir de uma brincadeira com o meu sobrinho Afonso, em plasticinas, e inspirado por uma reportagem sobre artesãos contemporâneos na TV, resolvi tentar elaborar objectos em barro que se pudessem eventualmente vender. A ideia era tentar produzir pequenas loiças, como cinzeiros ou pratos e depois participar em feiras de artesanato, onde a inscrição é relativamente barata, para os comercializar, uma vez que não possuía estabelecimento próprio.



Fig.1. Mestre Orlando Guimarães



Fig. 2. Mestre Gaspar Velho (Velinho)

Nas olarias artesanais de S. Pedro do Corval tentei adquirir barro para o efeito e logo me deparei com a relutância da classe, onde não só os “segredos” da arte eram cuidadosamente guardados como a própria venda da matéria-prima era recusada a estranhos.

¹ Electricidade de Portugal.

Em quase todas me deparei com esse problema e desconfiança. Conheci, no entanto, na Olaria Guimarães/Velho, os mestres Gaspar Velho (Mestre Velhinho) e Orlando Guimarães, sócios artesãos dedicados à sua arte, que me dispensaram dois ou três troços para eu começar a minha experiência. A partir daí e com a generosa partilha e orientação do Mestre Velhinho e a cética trocista de Mestre Orlando, iniciei informalmente a atividade.

Primeiras peças: a expressão do corpo, a linguagem latente.

Levei o barro para casa e logo comecei a tentar fazer os tais cinzeiros e pratos que tinha visto na reportagem da TV. Tudo saía torto e sem um mínimo de apelo estético. Dificilmente vendável. Na frustração de mais um plano de vida irrealizável comecei a fazer outras coisas: figuras. Como caras e expressões eram difíceis tentei apenas corpos. Em movimento, ou pose. O resultado enchia-me de satisfação. Parecia-me evidente que ninguém compraria tal coisa, no entanto sentia-me feliz. Leve como há muitos anos não acontecia. Mal podia esperar terminar o dia de trabalho para me fechar em casa a modelar.

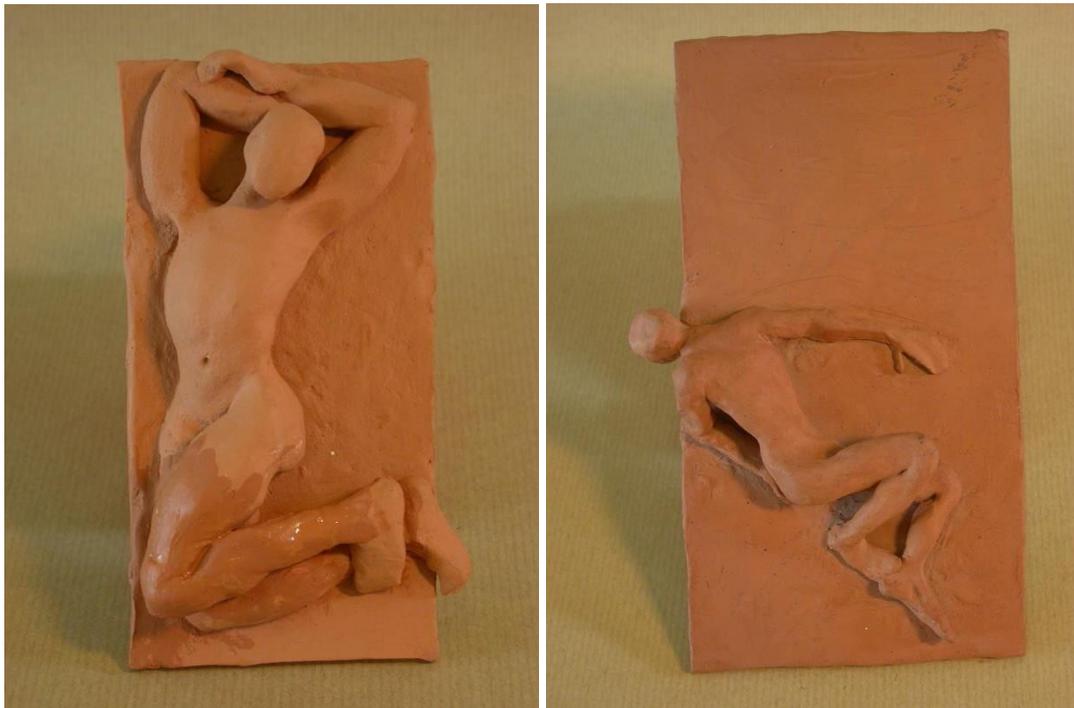


Fig. 3. Fig. 4. A procura de um corpo – Terracota
Aprox. 20x10cm, 1998-1999.
Coleção particular Prof^a Dr.^a Ana Maria Silva.

Voltava com frequência a S. Pedro do Corval onde o Mestre Velhinho, no seu entusiasmo simpático, me ensinava os detalhes do manuseio do barro, os tempos das seca-

e cozeduras, os segredos da arte. Orlando, de ambos, era o que menos continha os trejeitos perante os “bonecos marrecos que não se pareciam com coisa nenhuma”. Eram eles que me coziavam as peças no meio das suas loiças que produziam para retalhadas nas lojas do Algarve e resto do país.

A notícia e o interesse nas minhas produções espalhou-se entre os amigos mais próximos e família, a quem ofereci algumas coisas. Uma amiga²⁴⁰, encomendou-me a primeira peça que vendi: um rosto antropomórfico de pássaro para uma colega na Universidade que colecionava corujas. A partir desse momento percebi que certos objectos eram mais apetecidos que outros.

Se os “corpos sem rosto” eram uma arte mais *abstrata* que nem a todos agradava, outros temas como “Alentejanos”, “Vikings” e “Animais” agradavam a mais pessoas.

Eram objetos mais perceptíveis.

Poderia dizer que havia uma diferença entre a expressão e temática que “nascia” natural em mim e o que me pediam para fazer. Talvez se pudesse traçar aqui, no meu início de carreira autodidata, dois diferentes possíveis percursos ou uma encruzilhada no caminho: expressão ou comercial? Arte do sentir ou arte vendável?

Foi nessa altura que soube que a Universidade de Évora já tinha curso de Artes Plásticas. Era o início da Escola de Artes no polo dos Leões. A curiosidade levou-me lá onde conheci a professora Maria José Brito que lecionava escultura em barro. Esta docente permitiu que eu, entusiasmado, frequentasse as aulas mesmo sendo estudante de engenharia. Cheguei a participar em exposições coletivas dos alunos do primeiro ano do primeiro curso de Artes Plásticas. Pedi transferência para este curso no ano seguinte.

Uma amiga³ artista plástica em Évora, desafiou-me para uma exposição conjunta. A sua pintura e as minhas esculturas. Cético e inseguro de início fui-me convencendo que poderia ser interessante. A curiosidade dos habitantes do Bairro, que todos os dias espreitavam pela janela da nossa sala – transformada em meu atelier – afastou-me renitências e, ainda em dezembro de 1998, acabei por fazer um pedido de espaço expositivo na divisão de cultura da Câmara Municipal de Évora. Foi-nos reservado o posto de turismo da praça de Giraldo em Évora para o mês de maio de 1999. Fizemos um pequeno catálogo. A inauguração esteve repleta de amigos de ambos e curiosos (fui também buscar os Mestres Velhinho e Orlando a S. Pedro do Corval, a Maria José Brito também compareceu) e foi um sucesso. Vendemos tudo.

² Verónica Nabiço

³ Marta Rego

Presépios e santos, a escolha de um caminho

Uma visitante desta exposição⁴, proprietária de uma loja de artesanato, sugeriu-me fazer uma exposição de Presépios e Stº Antónios e nesse entusiasmo a ideia de que poderia realmente obter um rendimento a partir desta atividade consolidou-se. O posto de turismo na Praça do Giraldo estava já com calendarização completa e apenas tinha vagas no ano seguinte.

Alguém me sugeriu a sala de exposições da Pousada dos Loios, virada ao Templo Romano. Era um excelente local de passagem também para o turismo. Falei com a vice-gerente⁵ que me aceitou agendar para outubro de 1999 o espaço. Foi a minha primeira exposição individual e já com objetivos claramente comerciais. O título foi *A Paixão de Cristo*, um trabalho realizado e inspirado na obra *O Messias* de Handel, e para cuja investigação tive a ajuda do, na altura, vice-reitor⁶ do Seminário de Évora. Parte dessa pesquisa também realizei nos arquivos da diocese de

S. Brás, em Évora. O tema coincidente com o Dia de Todos os Santos foi uma interpretação minha daquele que mais tarde percebi ser o tema mais retratado no figurado barroco em Portugal: o religioso. Nesta exposição surgiram as figuras das *Carpideiras*, uma das minhas imagens mais conhecidas, bem como *Presépios*, *St. Antónios*, *Cristos* e outros. A coleção *Martírios*, uma representação da morte de Cristo e seus discípulos, adquirida por um dos maiores colecionadores atuais do meu trabalho⁷, foi das mais comentadas pelas peças: *Cristo nu* e *S. Pedro invertido na cruz*.

⁴ Antónia Casas Novas Figueiredo

⁵ Maria Gabriel Oliveira

⁶ Padre Carlos da Silva

⁷ Fernando Teixeira da Silva



Fig. 5. Cristo Nu – Terracota e pau de oliveira. Primeiro prémio Artesanato Contemporâneo FIA 2000⁸

Esta exposição permitiu-me, também a aquisição do meu primeiro forno cerâmico e sedimentar a esperança de criar uma profissão que me permitiria o sustento a fazer algo que realmente gostava.

⁸ FIA – Feira Internacional de Artesanato de Lisboa



Fig. 6. A Alma branca dos anjos⁹ - Instalação Para FIA¹⁰ 2003.



Fig. 7. A Alma branca dos anjos - Detalhe

⁹ Metáfora à profissão de Oleiro: Os anjos (oleiros) elaboram gradualmente a obra que, terminada, está rodeada pelos anjos caídos (desaparecimento da profissão). Peça (jarros) elaborada em conjunto com os Mestres Orlando e Velhinho para tema da FIA 2003: Barro – ouro da terra sonho das mãos, onde foi distinguida com Menção Honrosa.

¹⁰ FIA – Feira Internacional de Artesanato de Lisboa. Ocorre anualmente no Parque das Nações. Organizada pela Feira Internacional de Lisboa e pelo Instituto Emprego e Formação Profissional (IEFP) Divisão de Comunicação.

Primeiras caricaturas solicitadas.

A partir daqui sucederam-se as exposições e participações em feiras de artesanato várias como a FIAPE em Estremoz, a Feira de S. João em Évora e a FIL Artesanato em Lisboa, onde por três anos consecutivos venci as edições do concurso na categoria *Prémio de artesanato contemporâneo*. A instalação *A Alma branca dos anjos* na Fig. 18.1.1 foi uma das várias distinguidas. Aliás foi justamente na FIL artesanato que descobri que esta atividade, aparentemente desenquadrada de quaisquer raízes históricas ou escolas tradicionais, teria uma designação: *Artesanato contemporâneo*. Nesta feira nacional também se realiza a edição bienal do Prémio Nacional de Artesanato, promovida pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), que também venci com a peça *Polaroid da Boda*, em 2001.

Nos quatro anos consecutivos em que participei na FIA¹¹ obtive as maiores distinções nacionais no chamado *Artesanato contemporâneo*¹².

Entretanto aos temas mais comuns do figurado cerâmico que me era solicitado começaram a surgir as primeiras encomendas de peças personalizadas. As caricaturas de pessoas nas suas profissões e rotinas. Sem mestria da forma que me permitisse retratos minimamente semelhantes aceitava com relutância enfatizando que poderia retratar situações e não rostos. Além de que seguir descrições não permitia muita criatividade no trabalho final. Esse tipo de encomendas foi crescente por si mesmo. Várias vezes pensei desistir das caricaturas. Recusar as encomendas. Na realidade nunca o pude fazer. Todas as atividades têm os seus custos e encargos. As contas têm de ser pagas. Hoje, caricaturas, é a esmagadora maioria dos trabalhos que faço e imagem de marca do meu trabalho. São trabalhos solicitados, portanto por encomenda, onde além de fotos dos caricaturados os clientes me trazem descrições dos mesmos, físicas, psicológicas, de gostos ou atividades profissionais. As caricaturas assim representam mais que fisionomias. São *quadros momento*. Instantâneos da vida de pessoas, como bandas desenhadas a três dimensões em que cada 'retrato' representa uma história.

Assim inadvertidamente iniciei a representação de *instantâneos* da vida contemporânea, humorísticos por inerência de deformação ou interpretação, nunca demasiado *abrasivos*, para que cliente ou representado não se sentissem melindrados ou

¹¹ FIA – Feira Internacional Artesanato de Lisboa.

¹² 1º Prémio Nacional de Artesanato Contemporâneo FIA2000; FIA2001; FIA2002. 1º Prémio Nacional Bienal de Artesanato Contemporâneo IEFP – Ministério Cultura 2001/2003

descon- fortáveis, mas sempre com aquela pontinha de irreverência e sarcasmo (há quem lhe chame sensibilidade) de lhe aplicar a dose suficiente, mas não excessiva de *olho cínico* pela mão que a elabora. Esta *dose certa* não é, de facto, algo apenas medido e calculado por objetivos comerciais. Detesto conflitos e a minha profissão, a que escolhi e construí, mais que propósitos financeiros é para mim um prazer diário. Imaginar e conceber peças originais e únicas e ver a felicidade, satisfação e por vezes a emoção de quem as encomenda não tem preço. É uma realização pessoal muito gratificante. Na minha infância e adolescência era um consumidor ávido de banda desenhada em quadrinhos. Tinha coleções de BD Disney, onde me abstraía do resto do mundo e seus problemas. Ganhar a vida a fazer *banda desenhada em barro* é um modo de vida feliz certamente.



Fig. 8. Jantar de Família. Terracota e tintas acrílicas. 45x35x20cm

A Galeria Oficina

Apostei sempre em peças únicas e originais das quais a Fig. 8 é um exemplo. De modo que as peças de *artesanato* que elaborava nunca eram iguais. Se fazia dez presépios fazia-os diferentes uns dos outros. O mesmo para os St. Antónios, ou para as outras peças. As exposições, feiras e prémios trouxeram visibilidade. Com esta visibilidade vieram encomendas, a ritmo regular, para particulares e retalho e coloquei a hipótese de abrir um estabelecimento em Évora. Os preços dos espaços praticados na altura na cidade eram proibitivos para iniciantes de modo que o melhor que consegui, na relação localização/preço, foi um espaço completamente devoluto na rua de Raimundo 51ª que acabei por conseguir recuperar mais tarde e que se pretendia um *Atelier galeria*. Atelier

porque numa parte da área era a oficina onde trabalhava.

Galeria porque noutra zona enfatizava o conceito de peça única, colocando cada trabalho em destaque sobre peanhas iluminadas individualmente por focos.

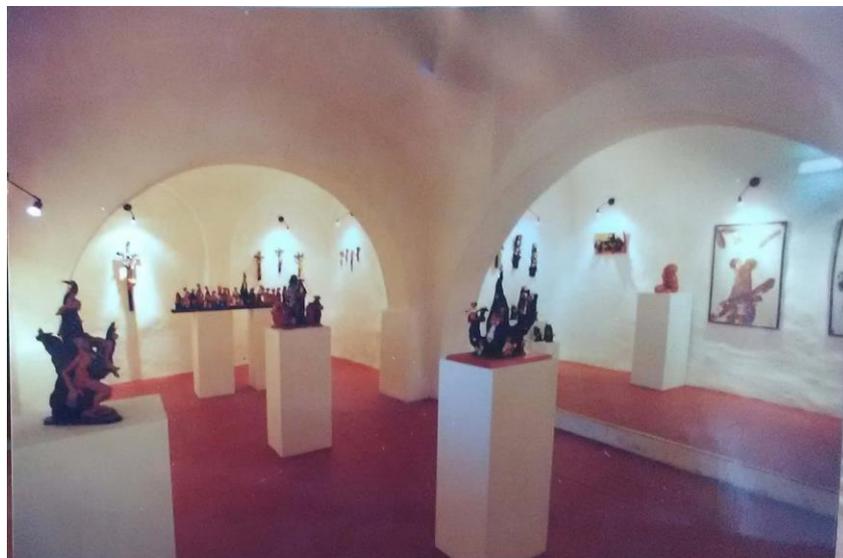


Fig. 9 e 10 Galeria Oficina da Terra, na Rua do Raimundo 51ª em Évora

Foi, tanto quanto tenho registo, precursor de muitos espaços de autor que hoje são comuns no país, mas que na altura não existiam. Este conceito de peças de arte populares destacadas como obras de arte confundiu visitantes de início, mas agradou visivelmente no geral. Cada peça era valorizada em si mesma. Cada compra era, por parte do cliente, uma aquisição relevante e especial. Logo então imaginei que poderia colocar também a

possibilidade de vendas on-line Anexo 4, sobretudo como uma medida complementar de garantir mais retorno que permitisse fazer face a demais despesas.

Fiscalidade artística ou a definição de uma atividade.

Por vários anos depois da abertura da loja e do lançamento do site, paguei IVA à taxa máxima (na altura) de 20%, como se de um comércio convencional se tratasse. Passei por três empresas de contabilidade e pela reforma e aperfeiçoamento do atendimento via internet do aparelho do estado, até que por minha iniciativa em 2008 e num email para a Direção Geral de Contribuições e Impostos (DGCI) descobri que, afinal como artista plástico que era (e não artesão) beneficiava de IVA à taxa reduzida de 5%. Foi uma revelação. Não apenas descobrir que pagava menos IVA. Sobretudo foi descobrir-me *artista plástico*.

De: Maria Emília Alves Pimenta [mailto:mepimenta@dgi.min-financas.pt] Enviada: terça-feira, 12 de agosto de 2008 10:38

Para: oficinadaterra@oficinadaterra.com

Assunto: FW: FW: Solicitação de Contacto: CAE - ARTISTA PLASTICO Tendo por referência o mail de V.Ex.^a., informo o seguinte:

No que se refere ao IVA (Imposto sobre o valor acrescentado), o Decreto-Lei nº 199/96, de 18 de outubro, regulamenta o regime especial, nomeadamente dos objectos de arte, de coleção e antiguidades. Nos termos do referido diploma, consideram-se “obras de artes” (anexo A ao diploma) os “Exemplares únicos de cerâmica, inteiramente executados à mão pelo artista e por ele assinados”. Assim, se for esta a situação em apreço, a venda das obras efetuada pelo próprio artista é tributada a 5% (art.º 15º do citado diploma), caso contrário, a venda é tributada a 20%.

Relativamente à questão do código CAE ou do código da tabela anexa ao Código do IRS, bem como do beneficiou fiscal, não é matéria da competência desta Direção de serviços, pelo que se reenvia o presente mail para a Direção de serviços do IRS, que responderá.

Com os melhores cumprimentos

A Diretora de Serviços (em substituição) Maria Emília Pimenta.

Portanto e devido a este email cheguei à conclusão de que não era apenas *artesão*, mas sim *artista plástico*, pois as características do meu trabalho eram justamente essas. Da mesma forma em sede de IRS beneficiava de um regime especial onde apenas 50% da matéria coletável seria alvo de tributação. O curioso nesta situação é que não foram os

meus pares, críticos ou especialistas em arte ou artesanato que o fizeram. Não foram três gabinetes de contabilidade ou a repartição de finanças de Évora. Foi, portanto, a DGCI on-line que definiu concretamente o meu trabalho e atividade esclarecendo o que era de facto esta minha profissão e vocação autodidata. O Tiago Cabeçadas descobriu que não era apenas um artesão. Era um artista plástico. Mais que a questão de grau ou estatuto, que embora importante para mim era relativamente irrelevante (uma vez que trabalhava de facto no que gostava) esta nova realidade trouxe-me uma significativa diferença em termos de alívio de encargos e despesas.

Certificados

Enquanto estudante na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), onde fui bolseiro de 1987 a 1992 sempre achei curioso o facto de a maior parte dos objectos e bens, vendidos nas lojas (de brinquedos a máquinas fotográficas, passando por eletrodomésticos ou utensílios), terem “certificado”.



Fig. 11. Fig 12. *Samovar* souvenir turístico russo, em madeira, com certificado assinado¹³.

Normalmente uma etiqueta simples, em papel pardo que ostentava, independentemente do quanto massificada fosse a produção do item, número de série e assinatura ou rubrica do “proletário responsável” pelo objeto.

Esta curiosidade em si incongruente por uma, certamente, produção em escala e qualidade duvidosa, tinha um quê de inocência poética para mim. Um toque de

¹³ Fotos gentilmente cedidas por Carla Patrício.

humanização singelo que contrastava com a produção de qualidade, também massificada, mas impessoal, dos objectos no ocidente “desenvolvido”. Como que conferia “alma” a cada objeto. Imaginar uma fábrica que debita milhões de casacos, malas de senhora ou guarda chovas e o respetivo funcionário a rubricar com uma esferográfica diligentemente cada “certificado” era qualquer coisa de surreal e reconfortante.

Resolvi emitir também certificados numerados, de cada peça que fazia e vendia. Já trabalhava há quase três anos quando iniciei esta prática e nunca mais a deixei. Imprimi um modelo de flyer com os contactos da *Oficina da Terra* (mais tarde da *Aldeia da Terra*) e alguns detalhes gerais, espaços em branco para assinatura e data. Passei a numerar cada um com um carimbo rotativo e a rubricar individualmente a esferográfica, sem pretensões de registo de peças ou base de dados.



Fig. 13. Modelo de Certificado usado até dezembro de 2017



Fig.14. Modelo de Certificado usado a partir de 2018 já com a Aldeia da Terra em Évora

Hoje vou em mais de dez mil emitidos e não há cliente que não faça questão de levar o certificado junto com a sua peça, valorizando-os aparentemente de igual forma. Foi um modo excelente de divulgar os contactos e manter, também, clientes em ligação mais ou menos permanente, pois que quando se lembravam de uma prenda para um familiar ou amigo, mesmo que afastados há anos, rapidamente tinham a forma de chegar até ao meu trabalho e localização. Todos se lembram onde guardaram o certificado daquela obra de arte que em alguma altura, quando passaram por Évora, adquiriram.

Caricaturas, uma abordagem contemporânea profana.

As caricaturas com o passar dos anos foram melhorando no seu traço e forma. Os clientes que insistiam em trazer-me fotografias dos caricaturados, além da sua descrição, também me forneceram milhares de detalhes e pormenores da vida e hábitos de largas centenas de pessoas. De animais de estimação a Primeiros-ministros já retratei quase tudo e a forma não contundente ou não crítica como o faço dita eventualmente o sucesso desta minha forma de arte. Ou então será apenas porque as pessoas na realidade gostam de se ver retratadas pelos olhos dos outros. Será uma forma de dizer algo, sem palavras, mas mais sinceramente, porventura.

Por norma levo 30 dias a terminar um trabalho, já retratei famílias inteiras, grupos de amigos (Fig.28), veículos de estimação, lugares especiais (Fig.52 a 54). As seguintes imagens (Fig. 29 a 51) são exemplos deste tipo de trabalhos.



15. Família Fernandes. Terracota e tintas acrílicas. Dezembro de 2018.





Fig.16. Exemplos de caricaturas encomendadas.



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19

Elaboração e finalização da maquete caricaturada do Monte do Ramalho Terracota, tintas acrílicas, inertes e material orgânico. 2,5x1,5m

O Zé Pevide

No meu trabalho do projeto Aldeia da Terra reintroduzo a figura do desbocado *Zé Po- vinho*, rebatizado (por motivos óbvios de autoria) *Zé Pevide*, que essencialmente é a figura criada por Rafael Bordalo Pinheiro, agora eleito *Presidente da Junta de Freguesia da Aldeia da Terra*, munido de computador e Facebook, sempre numa refilada toada sarcástica contra as angústias que as dificuldades do projeto lhe causavam. Em suma *Zé Pevide* era um *Alias* das minhas dores.

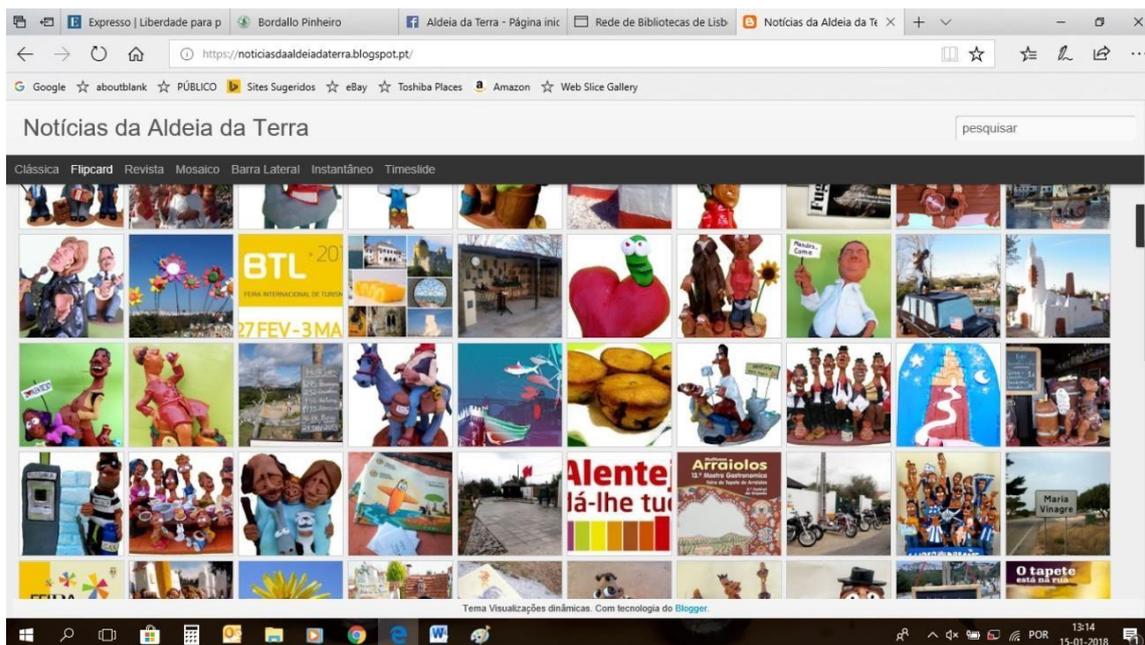


Fig. 20 Blogue Noticias da Aldeia da Terra¹⁴

Lancei o Blog *Noticias da Aldeia da Terra* que, embora inicialmente, tivesse por objetivo divulgar curiosidades do quotidiano do projeto, na realidade cedo se transformou um escape para poder desabafar frustrações, por não conseguir ver o projeto concretizar-se como o tinha imaginado, e intervir perante um “sistema” que, sentia, nem sempre se compadece com esforços líricos ou artísticos.

A Câmara Municipal de Arraiolos e a sua presidente (mas não apenas) eram figuras de recorrentes artigos, mais ou menos justos confesso que é discutível, quer pela indiferença a que votavam o projeto quer pelas dificuldades, que na minha opinião, lhe levantavam. Muitos destes acabei por apagar mais tarde porque visivelmente originavam por parte da autarquia, comunista desde o 25 de Abril de 1974, um crescendo de indiferença e má vontade para com o projeto, que contribuiu para o culminar da minha desmotivação, o seu encerramento e mudança para Évora.

¹⁴ <https://noticiasdaaldeiadata.blogspot.pt/>



Fig. 21. E 22. Zé Pevide Presidente de Junta. Zé Pevide e adjunto: Cinzento Pevide.

O *Zé Povinho* é uma figura que ultrapassa o seu criador (Bordalo). Tornou-se um símbolo nacional do *Ser Português*. Convertê-lo no *Zé Pevide* foi socorrer-me da personagem para poder exprimir e lamentar o que me atormentava, mais que um tributo consciente a Bordalo. Nunca considerei a minha expressão plástica uma continuidade fosse do que fosse (barrística estremocense, caldense, caricatura Bordalliana ou outra) até pelas difusas referências que tinha e só recentemente verdadeiramente compreendi e relacionei. Creio que o percurso que fiz tem muitos paralelos com todas as expressões referidas, mas isso acaba por acontecer de forma espontânea. O caminho que escolhi, mais ou menos inadvertidamente, foi o da barrística. As dificuldades que fazem esse caminho, regra geral, certamente são comuns a todos os que, mais tarde ou mais cedo, o percorram, creio.

Se a figura do *Zé Povinho* ultrapassou o seu criador a *Aldeia da Terra*, nos seis anos que estive de portas abertas em Arraiolos, já me começava também a ultrapassar, senti-o. É verdadeiramente estranho sentir essa dualidade. Sobretudo de muitas das gentes da terra que, se por um lado não apreciavam a divulgação das dores e humores de *Zé Pevide*, nunca muito abonatórias para a Câmara ou para o concelho, por outro lado usavam a referência do projeto para os mais diversos fins, desde o destaque e promoção imobiliária de propriedades contíguas, a localização geográfica ou cultural na promoção e divulgação do concelho. Passando por referências em periódicos, programas televisivos, blogues, páginas de internet, ou mesmo no passa-palavra do dia-a-dia.

Esta relação de amor/desamor por vezes deixava-me a sensação de que os locais

nãose importariam nada de ficar com a *Aldeia da Terra*, chutando o seu criador (e *alter ego*) para outras paragens. A angústia, a existir nomeadamente por parte do executivo camarário, era a constatação de que não o poderiam fazer.

E assim o crescendo de críticas do *Zé Pevide* tinha como resposta um crescendo de silêncio por parte da autarquia que, na minha opinião, fechava gradualmente a torneira das visitas turísticas à *Aldeia da Terra* (proibição de cartazes no Posto de Turismo, ausência de referencias ao projeto em publicidade institucional, não licenciamento de publicidade exterior, inexistência de sinalética na via publica ou inexistente estacionamento, etc...) mas mantinha a sua utilização para os fins quando e onde lhe eram convenientes (alguma promoção do concelho, feiras de turismo, etc...). Creio que isso demonstrava de certa forma, na minha perceção, também uma certa autonomia do projeto. O tal “ultrapassar do criador”. O sentimento que isso me provocava era ambíguo, entre a satisfação e a frustração, como é evidente.

Outras referencias do autor:

Cabeça, Paulo. 2018. Uma nova abordagem à barrística portuguesa: a influência do projeto "Aldeia da Terra" na conceção de uma nova linguagem artística. Tese Mestrado. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/23337>

Cabeça, Paulo; Rodrigues, Paulo; Carolo, Mariana. 2020. A criatividade como processo do consciente e subconsciente na Arte. A Barrística como caso de estudo. In Antologia de Ensaio LABORATORIO COLABORATIVO: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. VI Seminário de Investigação, Ensino e Difusão. Publisher: DINÂMIA’CET-ISCTE. Pp. 295. <http://hdl.handle.net/10071/20764>

Cabeça, P.T. 2022. The natural Art. Artists of diferent species. Academia Letters, Article 4879. <https://doi.org/10.20935/AL4879>

Cabeça, P.T. (2021). The Venus of our anxiety. The first art was visceral. Academia Letters, Article 454. <https://doi.org/10.20935/AL454>.

Cabeça, Paulo. 2020. Creativity. A biological weapon?. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/29711>

Cabeça, P.T. (2021). Loewenmensch. The lion woman. Academia Letters, Article 1665.
<https://doi.org/10.20935/AL1665>

Cabeça, Paulo. 2021. Da peça imaginada à peça criada. Revista Inverso. Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/30936>

Cabeça, Paulo. Rodrigues, Paulo. Carrolo, Mariana. 2020. A verdadeira natureza da imagem. Recensão a Teoria do acto icónico de Horst Bredekamp.
10.13140/RG.2.2.23157.40167

Cabeça, P.T. (2021). Loewenmensch. The lion woman.
Academia Letters, Article 1665. <https://doi.org/10.20935/AL1665>

Cabeça. Paulo. 2021. Creativity in clay. A theory on the nature of art.
Academia Courses. <https://www.academia.edu/courses/D1amB1?tab=0&v=YD01mb>

Cabeça, Paulo. Mira, Antonieta. 2011. Visita à Aldeia da Terra. Edições Poejo
ISBN: 978-989-97411-1-9
https://www.academia.edu/43277367/Visita_%C3%A0_Aldeia_da_Terra

Cabeça, Paulo. 2018. Aldeia da Terra, um universo singular.
https://www.researchgate.net/publication/340680075_Aldeia_da_Terra_Um_universo_singular_A_singular_universe

Cabeça, Paulo. 2008. Estórias de encantar. 2007. Câmara Municipal Redondo.
https://www.researchgate.net/publication/340687545_Estorias_de_encantar

Cabeça, Paulo Tiago. Manuel, Delfim. 2004. Dois caminhos para Belém. Rotary Clube de Évora. ISBN: 972-99319-0-9.
https://www.researchgate.net/publication/340686384_Dois_caminhos_para_Belem

Cabeça, Paulo Tiago. Rosado, David. 2003. A alma da cerâmica. Publisher: oficinadaterra. ISBN: 972-9051-15-1.
https://www.researchgate.net/publication/340685920_The_soul_of_ceramics-Oficina_da_Terra